

## **A CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO DO PROALFA PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS/AS PROFESSORES/AS ALFABETIZADORES/AS**

**MARIA LUÍSA DA SILVA BRAZ**  
**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB**

**NANDYARA SANTOS SOUZA SAMPAIO**  
**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB**

### **Resumo**

O trabalho resulta de uma pesquisa realizada a fim de cumprir parte dos requisitos do curso de graduação em Pedagogia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, referente à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, que teve como objeto de pesquisa a contribuição do projeto de extensão do PROALFA para formação de futuros/as professores/as alfabetizadores/as. Neste sentido, utilizamos a seguinte questão de pesquisa: de que maneira o projeto de extensão “Alfabetização como justiça social”, desenvolvido pelo PROALFA, contribuiu com a formação de novos/as professores/as Alfabetizadores/as? Para analisar tal questão, adotamos entrevistas semi-estruturadas como instrumento principal de investigação, o que nos possibilitou, através da obtenção dos relatos dos três sujeitos da pesquisa, alunos matriculados no Curso de Licenciatura em Pedagogia, atuantes no projeto de extensão do PROALFA, conhecer a contribuição do referido projeto na revisão da prática desses professores alfabetizadores. Desta forma, a referida pesquisa nos oportunizou conhecer algumas contribuições, segundo as percepções das participantes da investigação, do projeto como: descrever a contribuição das professoras regentes das classes contempladas pelo projeto de extensão do PROALFA na formação inicial dos extensionistas para a sua futura atuação profissional, identificar a importância do projeto de extensão do PROALFA na constituição da identidade profissional docente dos extensionistas como futuros professores alfabetizadores e relatar o processo de mudança na formação inicial de professores, por meio da criação de um novo ambiente para a formação profissional docente tendo a escola pública como espaço formativo privilegiado.

4105

**Palavras-chave:** Alfabetização. Contribuições. Formação. Método. Projeto de Extensão.

### **Abstract**

The work is the result of research carried out in order to fulfill part of the requirements of the undergraduate course in Pedagogy at the State University of Southwest Bahia, referring to the Course Completion Work discipline, which had as its research object the contribution of the extension project of the PROALFA for training future literacy teachers. In this sense, we used the following research question: how did the extension project “literacy as social justice”, developed by PROALFA, contribute to the training of new Literacy Teachers? To analyze this issue, we used semi-structured interviews as the main instrument of investigation, which is possible for us, by obtaining reports from the three research subjects, students enrolled in the pedagogy course, participants in the PROALFA extension project, to know the contribution of the aforementioned course in reviewing the practice of these literacy teachers. In this way, the aforementioned research gave us the opportunity to learn about some contributions, according to the perceptions of the research participants, of the extension project, such as: Describe the contribution of the teachers conducting the classes covered by the PROALFA extension project in the initial training of extensionists for their future work professional, identify the importance of the proalfa extension project in the constitution of the professional teaching identity of extensionists as future literacy teachers and report the process of change in initial teacher training, through the creation of a new environment for professional teacher training having the public school as a privileged training space.

**Keywords:** Contributions. Literacy. Professional qualification.

## Introdução

O presente artigo versa sobre a experiência proporcionada, por meio das atividades realizadas pelo projeto de extensão do grupo de pesquisa Grupo de Estudos em Formação, Políticas e Práticas Educativas e Curriculares (GEFORPECC), presente na linha de pesquisa Formação de Professores Alfabetizadores e Aspectos Epistemológicos da Aprendizagem da Língua Escrita (PROALFA), denominado “Alfabetização como justiça: o desafio de garantir a aprendizagem inicial da leitura e da escrita no contexto da pandemia da COVID-19”. O projeto oportunizou um grande benefício à formação inicial dos graduandos que participaram do mesmo, em virtude de terem usufruído de um espaço privilegiado para forjarem sua profissão e tomarem para si seu perfil docente, uma vez que não é algo típico da formação de um pedagogo, um projeto de extensão exclusivo para a alfabetização.

Desta maneira, neste artigo citaremos o surgimento do projeto que originou este estudo, tendo como base teórica Colello (2021), quando a autora reflete sobre o contexto pandêmico e a abrupta mudança no cenário escolar. Segundo, abordamos sobre os processos que envolvem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita: a alfabetização e o letramento, a partir da perspectiva defendida por Soares (2020). Terceiro, discutimos a adoção de uma metodologia norteadora da alfabetização e do letramento, o método sociolinguístico de alfabetização elaborado por Mendonça e Mendonça (2011), bem como discorremos sobre a teoria do conhecimento que aborda a aprendizagem da língua escrita elaborada por Ferreiro e Teberosky(1984), que demonstra o processo de aprendizagem da escrita pelas crianças, que se manifesta com o auxílio das hipóteses silábicas, que é o caminho que os alfabetizandos percorrem para aprender a ler e a escrever.

Além disso, nos interessou conhecer as contribuições da vivência cotidiana escolar deixadas no processo de formação dos futuros/as professores/as que tiveram o privilégio formativo de atuarem em uma sala de aula, compartilhando a regência com professoras alfabetizadoras já atuantes e experientes.

## O projeto de extensão do PROALFA: a aprendizagem inicial da docência

Após a pandemia ocasionada pela Covid-19, tínhamos o intuito de investigar as lacunas deixadas pelo isolamento social no processo de alfabetização das crianças, e o que ocorreu com

a insuficiência de mediação da professora alfabetizadora dos educandos da educação pública. Com base nesse cenário, foi proposto o projeto de extensão do PROALFA intitulado **“Alfabetização como justiça: o desafio de garantir a aprendizagem inicial da leitura e da escrita no contexto da pandemia da COVID-19”** do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Jequié-BA, por meio dele, foi possível a construção da formação inicial de cinco estudantes matriculados no quinto, sétimo e oitavo semestres, que tiveram a oportunidade de experienciar a docência compartilhada, enquanto estudantes da graduação, podendo assim ir ao encontro das suas identidades docentes.

Quando citamos o impacto da pandemia na educação escolar, queremos fazer um destaque à educação pública, em razão da desigualdade social que assola nosso país. Como afirma Colello (2021), a inesperada e avassaladora chegada do COVID-19 abalou a vida social de todos, impondo novas rotinas que exigiam adaptações que não eram cogitadas previamente e como as relações humanas foram modificadas com o distanciamento social, especificamente, os estudantes da educação básica matriculados na escola pública foram diretamente atingidos por essa realidade. Se pensarmos sobre o impacto da falta da mediação no processo de aprendizagem, notamos que todas as etapas e modalidades da educação foram atingidas pelo “novo normal”. Ocorre que nas classes do Ciclo de Alfabetização estes desafios foram de outra ordem, que não puderam ser suplantados nem com a adoção das estratégias de ensino mais interativas, mediadas pela tecnologia.

Como dito por Atié (*apud* Colello, 2021, p. 144) foi “tropeço por cima de tropeço”, em consequência da necessidade de reinventar a forma de ensinar e aprender, como nunca havia sido feito antes, sem planejamento prévio de forma repentina. A autora aborda com clareza o distanciamento desastroso existente entre a escola pública e a escola privada, em vista da desproporção econômica entre os dois grupos. Na rede privada o ensino remoto fluiu de uma forma melhor, com aparelhos e tecnologias mais sofisticadas, ao mesmo tempo, em que a rede pública enfrentou os desafios econômicos, que não permitiram a aquisição dos dispositivos tecnológicos, postergando e dificultando que o ensino chegasse até o educando.

Diante do cenário vivenciado e das questões que emergiram desse momento, envolvendo a questão da formação de professores, do ensino da leitura e da escrita sem mediação docente (ou com mediação insuficiente), as lacunas deixadas no processo de aprendizagem das crianças, a dívida educacional que o Estado brasileiro adquiriu frente ao acesso à educação dos filhos da classe trabalhadora (Ferraro, 2014), é que o PROALFA propôs o projeto de extensão, com o propósito de colaborar com o ensino da escola pública na direção

da reconstrução das aprendizagens das crianças que tiveram o processo de alfabetização delas marcado pela perda de vínculo direto com a escola, o que foi ocasionado pelo distanciamento social.

Durante a execução do projeto, os cinco estudantes estruturaram uma rotina que seguia o seguinte roteiro:

**Quadro 1: Roteiro semanal de execução das ações dos extensionistas do projeto de extensão: “Alfabetização como justiça social: o desafio de garantir a aprendizagem inicial da leitura e da escrita no contexto da pandemia COVID-19”.**

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Atendimento individualizado	Planejamento das atividades	Regência	Atividade Complementar	Atendimento individualizado

Fonte: Projeto de extensão: “Alfabetização como justiça social: o desafio de garantir a aprendizagem inicial da leitura e da escrita no contexto da pandemia COVID-19”

Às segundas e sextas-feiras fazíamos o atendimento individualizado, o famoso “corpo a corpo” com os alunos, organizando a intervenção a partir das dificuldades mais específicas de cada aluno. Às terças-feiras, era o momento coletivo em que realizávamos o planejamento da regência de sala e as atividades aplicadas na mesma. Nas quartas-feiras era o momento em que os extensionistas assumiam os postos de regência da turma, aplicando o método sociolinguístico em sala. Nas quintas-feiras era o momento que os extensionistas, a gestão escolar, as professoras e a coordenadora do projeto se reuniam para a atividade complementar, popularmente chamada de AC.

4108

### A perspectiva de alfabetização e letramento defendida no projeto de extensão

Visando estruturar o trabalho realizado pelos extensionistas nas classes de Alfabetização contempladas pelo projeto de extensão do PROALFA, julgou-se fundamental eleger uma prática docente que tivesse alinhada com a concepção de alfabetização que devemos utilizar em sala de aula, na qual se apoia na perspectiva anunciada e vivenciada por Magda Soares. Para a autora (Soares, 2020, p. 27), a alfabetização é o:

Processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha...); aquisição de modos de escrever e de ler – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler; habilidades de escrever ou ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para direita); a organização espacial do texto na página; a

POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS:  
DOS CONTEXTOS DE BASE À DIFUSÃO INTERNACIONAL

manipulação adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel etc.

Ou seja, o ato de alfabetizar perpassa o aprender e o ensinar a leitura e a escrita. Sobretudo, alfabetizar é aprender e ensinar o manuseio do lápis, do papel, a forma de segurar um livro e como se passa de uma página para outra, que a escrita deve ocorrer padronizada da esquerda para a direita, de cima para baixo, em linha horizontal.

Já o letramento é definido como:

Capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos - para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para dar apoio à memória etc.; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidade de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto ou de lançar mão dessas convenções, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (Soares, 2020, p.27)

Sendo assim, podemos compreender que o letramento é a capacidade de interpretação, de compreensão das convenções de escrita, conseguindo efetivar a intenção do autor ao escrever, que o leitor, ao ler, consiga se incluir nesta prática, alcançando aquela demanda.

4109

Apesar de alfabetizar e letrar serem dois conceitos e processos indissociáveis na vida humana, Soares (2020, p. 27) afirma:

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.

Ainda que, a alfabetização e o letramento sejam de naturezas distintas, o letramento ocorre antes, durante e após a alfabetização. Sendo assim, não é um pré-requisito primeiro alfabetizar, para depois propor práticas de letramento, pois o aluno ao adentrar a escola já possui suas vivências, que proporcionaram seu repertório e leitura de mundo, estando assim inserido em episódios de letramento. Dado isso, ao iniciar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, devemos continuar inserindo este aluno no mundo real em que ele vive, trabalhando a leitura e escrita na realidade social.

Ao dizermos que os estudos eram especificamente voltados para a alfabetização e o letramento, e que utilizamos em sala o método sociolinguístico, devemos aqui explicitar o que

é o método sociolinguístico. Este método foi elaborado por Onaide Mendonça e Olímpio Mendonça por volta do ano de 1990. O termo sociolinguístico é a junção de outros dois termos: sócio de social e linguístico de língua, linguagem, ou seja, a dimensão do “Sócio”, se desenvolve efetivamente no diálogo do contexto social de sala de aula e do “Linguístico”, por trabalhar o que é específico da língua (Mendonça e Mendonça, 2011, p.121). Essa metodologia de ensino consiste em quatro etapas, sendo elas respectivamente a codificação, a decodificação, a análise e a síntese da palavra geradora, por fim as atividades estabelecidas por nível de escrita descritos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky na Teoria da Psicogênese, ou seja, as didáticas de nível pré-silábico, silábico, silábico-alfabética e de nível alfabético.

### O projeto de extensão e a formação de futuras/os professoras/es alfabetizadoras/es

Dada esta compreensão com relação à rotina estruturada e ao método utilizado em sala de aula para efetivar o processo de alfabetização e letramento, ao findar os seis meses dessa rica experiência em sala de aula na formação inicial dos contemplados pelo projeto, um graduando do grupo de extensão realizou uma entrevista semiestruturada via *Google Forms*, em que três dos cinco extensionistas participaram explicitando a importância daquele espaço incomum em sua formação e os benefícios deixados pelo mesmo, guiados pelas seguintes indagações:

4110

#### Quadro 2 - Perguntas feitas aos extensionistas

1) Você considera o seu processo de formação inicial suficiente para enfrentar os desafios que serão vivenciados em sala de aula? Em caso de resposta negativa, responda: quais estratégias você utiliza para suprir as lacunas deixadas em sua formação inicial?
2) Como as vivências proporcionadas pelo Projeto de Extensão do PROALFA colaboraram com a construção da sua identidade profissional docente?
3) De que maneira a escola-campo do Projeto de Extensão do PROALFA contribuiu com o seu processo de formação inicial?
4) Como escolas da educação básica e universidades podem atuar, a fim de garantirem uma formação inicial de professores/as contextualizada com as novas demandas educacionais?
5) Como você avalia a relação estabelecida entre extensionistas e as professoras regentes do Projeto de Extensão do PROALFA? E como isso contribuiu para sua formação?
6) Foi possível observar o processo de mudança na formação inicial dos extensionistas, por meio da criação de um novo ambiente para a formação profissional docente tendo a escola pública como espaço formativo privilegiado? Relata como ocorreu essa experiência.

Abaixo, analisaremos estas indagações, a fim de trazer reflexões sobre a contribuição das vivências propiciadas pelo projeto de extensão para a formação inicial dos extensionistas.

#### Quadro 3- Pergunta 1

Extensionista	Respostas
E1	Parcialmente, pela oportunidade da extensão. Também conheci a residência pedagógica, o que me permitiu experienciar práticas pedagógicas antes da conclusão do curso. Entretanto, as vivências que temos no ambiente escolar durante o início do curso é

**POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS:  
DOS CONTEXTOS DE BASE À DIFUSÃO INTERNACIONAL**

	pouquíssima, portanto, é distante da realidade que iremos enfrentar.
E2	Não. Ainda podemos encontrar alguns déficits no processo de formação inicial de professores no Brasil, infelizmente! Acredito que como em qualquer área é necessária a busca por conhecimentos em outras vias, para que as lacunas existentes sejam preenchidas e que o trabalho possa ser efetivado, de maneira que seja garantido às crianças um ensino de qualidade e uma consciência crítica do mundo.
E3	Não. Entretanto, nenhuma graduação dará conta de abranger tudo de nenhuma profissão. Dito isso, a cada experiência vivida em sala de aula aprendo mais e vou acrescentando à minha formação como docente. Além disso, é de suma importância estar sempre buscando refletir sobre a prática e aprender buscar mais conhecimentos.

No depoimento de E1, ele retrata que sua formação está sendo parcialmente suficiente devido à extensão, relatando, também, ter participado de outro programa de indução profissional, o qual é a residência pedagógica. Apesar de deixar explícito que essas vivências acrescentaram em sua prática docente antes da conclusão do curso, uma vez que lhe permitiram experimentar a docência antes de assumi-la na condição de professor titular da turma, porém, não preenche totalmente as lacunas do seu processo de formação inicial, alegando que, em seu ponto de vista, o início da graduação mantém os licenciandos muito afastados do futuro campo de atuação profissional, enquanto o extensionista E2 entra em acordo com E3, quando afirma não considerar a formação inicial que recebeu como o suficiente para encarar o contexto da sala de aula, ressaltando que o professor deve estar sempre refletindo sobre a sua prática, buscando formação para responder às demandas que surgem, como as formações continuadas.

Com base nestas três perspectivas, somos capazes de reconhecer a fragilidade no que tange ao preparo inicial de uma profissão, quando os extensionistas relatam que a formação inicial não é suficiente para vivenciar a realidade de uma sala de aula e que suprem essa insuficiência com outras experiências. Ressaltamos, que a formação da casa comum, como citada por Nóvoa (2022), um local de convívio e transição onde os professores recém-formados e os já atuantes na área, possa fomentar o desejo de um profissional aprender com o outro, numa perspectiva de indução profissional para os recém-formados e de formação continuada para os docentes experientes.

**Quadro 4 - Pergunta 2**

<b>Extensionistas</b>	<b>Respostas</b>
E1	Foi onde descobri minha identidade profissional, que eu estava no curso de Pedagogia para ser alfabetizadora.
E2	Devido ao projeto pude adquirir conhecimentos de sala de aula e pude conhecer de perto como é o ser docente. Através da regência feita por mim uma vez na semana, pude

	começar a construir a minha identidade docente. Então, esta vivência em sala de aula foi muito válida para mim, e acredito que oportunidades como essa deveriam ser mais frequentes na academia!
E3	O projeto de Extensão veio em um momento de dúvida e incerteza em minha formação, enquanto futuro pedagogo, pois ainda não tinha me encontrado no curso de Pedagogia. Além disso, tinha muito medo da sala de aula por nunca ter uma experiência recorrente e concreta em sala de aula. Por isso, no decorrer do projeto fui me encontrando e tendo a certeza que aquele era o meu lugar. Me apaixonei pela alfabetização, pelo método sociolinguístico ao ver os resultados. Portanto, para mim, o Projeto de Extensão do PROALFA representou um recomeço, um norte e um caminho

Na fala do extensionista E1, são notados dois aspectos das vivências proporcionadas pelo Projeto de Extensão em sua formação. A descoberta da identidade profissional, do mesmo modo, que foi identificada a área de futura atuação, o campo da alfabetização, em outras palavras, em um curto período de participação no projeto de extensão, a identidade e a área de atuação foram facilmente identificadas/constituídas. Mediante a essa fala, somos capazes de analisar o quão rico seria proporcionar as experiências em sala de aula fora do contexto da universidade, a fim de oportunizar os aprendizados no chão concreto da licenciatura desde o ingresso ao curso. Na fala do extensionista E2, podemos reafirmar o que foi dito acima, quando foi citado que os momentos de regência realizados ocorreram uma vez na semana, por consequência, favoreceram a identidade profissional do entrevistado que, ao longo do tempo, começou a ser constituída, porque podemos compreender, que ao sentir na pele o que é uma sala de aula e o que é ser um professor, temos o sentimento de pertencimento e habitualidade com a profissão. Ademais, deixa a sua ressalva sobre a renovação do projeto de extensão e a importância de trabalhos nesta mesma linha de atuação, os quais deveriam ser mais frequentes na universidade, enquanto o relato de E3 tem um cunho pessoal, ao expor que no momento que o programa apareceu em sua formação, ele se encontrava em dúvida sobre sua formação profissional, se achando perdido no curso, sem encontrar a linha que queria traçar em seu futuro profissional. Como nunca havia estado de forma concreta e regular em sala de aula, o extensionista declarou que “se sentia inseguro e apreensivo”. Todavia, durante a realização do projeto, ao ver que a alfabetização mediatizada pelo método sociolinguístico consegue ser efetivada de forma positiva, logo se apaixonou pela alfabetização e se reconheceu no lugar de alfabetizador, constituindo seu perfil de professor alfabetizador.

De acordo com os depoimentos dos três extensionistas, o Projeto foi um divisor de águas em suas carreiras, um marcador nas descobertas, referentes à constituição da identidade profissional. Pimenta (1997, p.5-6) afirma que os cursos de formação e seus currículos têm ficado distantes da realidade da escola e que isso não tem contribuído para a formação das novas

identidades docentes, isto é a falta de atividades práticas onde o aluno consiga exercer sua práxis, mediado por seus professores, não colabora para a constituição da identidade profissional. Dando destaque à fala do extensionista E3, temos a possibilidade de refletir sobre a importância do contato do futuro educador com o “chão da escola”, desde o seu ingresso na graduação. Podemos ver em sua resposta o apavoramento das incertezas, sobre estar em um curso que não oferta de imediato um contato com a realidade de atuação e como o projeto foi um divisor de águas em sua formação, o guiando, como dito por ele, dando-lhe um norte e um caminho.

#### Quadro 5 - Pergunta 3

Extensionistas	Respostas
E1	De modo muito significativo. Foi um momento que descobri minha identidade profissional e o meu papel no curso de Pedagogia, que é ser alfabetizadora. Foi o momento em que me senti parte da universidade e passei a vivenciá-la como parte de mim.
E2	A escola foi crucial para esse processo, até porque nela pude experienciar toda essa novidade.
E3	Ao nos receber, a escola foi primordial para que o projeto fosse possível. Então, a escola teve grande importância.

4113

Na resposta de E1, notamos que houve uma divergência com relação ao sentido da pergunta, sendo que o extensionista retratou mais sobre o projeto em si, a identificação com o curso, a vivência universitária e seu perfil docente, que também é o de alfabetizador. Apesar disso, ele deixa esclarecido que a escola-campo contribuiu de modo significativo com o seu processo de formação inicial.

Quando E2 afirma o inegável acolhimento da escola-campo neste processo, destacamos o papel ativo que deve ser estabelecido entre o local de formação e o local de atuação dos professores e dos futuros professores. Neste sentido, a escola e a universidade devem acolher uma a outra, a fim de que uma preencha as lacunas existentes, que seja viabilizado o processo de ação-reflexão ao se pôr a práxis em atividade, realçando o que deve ser prático, o que não deve e o que deve ser construído para enfrentar determinadas barreiras educacionais.

No momento em que E3 afirma a importância da escola, percebemos que sem esta instituição, o projeto principal e original que gera esta pesquisa não existiria. Melhor dizendo, o projeto de extensão só existiu porque aquela escola abriu as portas para a universidade, porque aquelas regentes acolheram os extensionistas e dividiram suas salas de aula, compartilhando suas regências, depositando confiança no novo e na educação das novas gerações.

Os depoimentos acima nos permitem vislumbrar dois vieses: a da oportunidade das descobertas de identidade enquanto aluno e futuro docente e o caráter valioso da escola da educação básica enquanto apoiadora de projeto que proporcione a indução profissional. Sabemos que esses dois caracteres são forma concomitantes, pois tanto o ambiente influencia a pessoa, como a pessoa influencia o ambiente. Como afirma Vygotsky, no começo do século XX, em sua teoria sócio-interacionista, é pela cultura envolta no ambiente que ocorre o desenvolvimento. Assim, além de afetar as crianças, atinge também os adultos, pois, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Quando E2 e E3 afirmam a importância da escola nesse processo do projeto, o acolhimento, a adaptação, a credibilidade e a confiança depositadas nos extensionistas reforçam a necessidade de criar uma ponte entre a escola e a universidade, que é o caso dos projetos de extensão. Nóvoa (2022, p. 97) afirma:

[...] é necessário que a universidade compreenda, de uma vez por todas, a necessidade de construir parcerias e ligações com as escolas, os professores e os órgãos de gestão pública da educação (secretarias municipais e estaduais de educação), pois só assim se poderão construir políticas coerentes de formação e de desenvolvimento profissional.

Nesta fala de Nóvoa (2022), aliada às respostas dos extensionistas, contemplamos a essencialidade das universidades constituírem ligações com o ambiente escolar público. Nesse sentido, seria de grande utilidade para romper a barreira da utopia criada dentro da universidade com relação à prática docente, contribuindo desde cedo para que os licenciandos possam enxergar as adversidades vivenciadas dentro das unidades escolares públicas e conseguir solucioná-las.

**Quadro 6 - Pergunta 4**

<b>Extensionistas</b>	<b>Respostas</b>
E1	Relação harmoniosa e afetuosa, onde criamos laços de respeito e convívio amigável. Os ensinamentos docentes e da vida que a pró Ana Machado me passou, levarei por toda minha caminhada docente e como pessoa.
E2	A relação sempre foi de muita parceria. Então, acredito que a contribuição foi imensa, principalmente no que diz respeito à formação.
E3	Muito respeito, paciência e parceria. Aprendi como me portar, polir minha forma de falar e aprendi ao escutar acerca de vivências passadas.

O que E1 nos sugere é que a relação estabelecida entre ela e a sua professora, foi além de uma relação estritamente profissional, estabelecendo um vínculo de amizade. Os saberes que cita ter adquirido, levará para toda sua caminhada docente e pessoal, visto que são saberes que transcendem os livros, pois estes saberes são frutos das experiências pessoais de anos em sala

de aula, de dedicação e aperfeiçoamento, na mesma perspectiva E2, considera a parceria com a regente de grande valia, em outros termos, o caminhar compartilhado com alguém que deseja o mesmo objetivo. é extremamente importante e benéfico, sendo assim, uma experiência que acrescentou de forma relevante em sua formação, ao mesmo tempo que E3 reconhece o valoroso laço do respeito e parceria estabelecidos entre extensionista e professora regente, assim, o extensionista afirma que a contribuição da relação desenvolvida entre ele e a professora regente modificou a sua forma de se apresentar ao mundo, ou seja, contribuiu na forma com a qual toca o mundo enquanto docente.

Assim, os três extensionistas entram em acordo ao afirmarem a importância das professoras regentes em suas formações durante o Projeto. Como aponta Nóvoa (2022, p. 94), devemos insistir na responsabilidade das direções das escolas e dos professores mais experientes, quanto ao acolhimento e acompanhamento dos seus jovens colegas. Concordamos com Nóvoa (2022), quando afirma que a condução de um professor já experiente faz toda a diferença na atuação daquele que continua se aperfeiçoando, seja compartilhando seus saberes, suas vivências, realizando as mediações quando necessário e até mesmo na formação humana de cunho mais pessoal, o acolhimento, o afeto e suas contribuições para ensinar, como agir com tranquilidade nos momentos mais delicados.

**Quadro 7 - Pergunta 5**

Extensionistas	Respostas
E1	É necessário que o município e a universidade façam uma parceria de colaboração mútua, onde a universidade se disponha a serviço do município e, por outro lado, o município ofereça à universidade acesso ao campo de atuação e suporte para as atividades que os universitários irão desenvolver.
E2	Através da parceria entre si, a escola e a academia têm o poder de mudar o processo de formação inicial dos futuros/as professores/as. E estas mudanças, sem dúvidas, são positivas. É por meio dessa indução profissional que os licenciandos poderão começar a construir suas identidades docentes.
E3	Primeiramente, é preciso diminuir a distância existente entre a educação básica e a universidade, pois a universidade deve servir o máximo possível à educação básica. Para isso, a universidade deve pensar e criar projetos para a melhoria do ensino básico, porém sempre dialogando e respeitando os profissionais que estão no dia-a-dia no chão da escola, no chão da sala de aula, porque eles é que estão na lida. Além disso, a universidade forma profissionais para a educação básica (pensado na perspectiva dos cursos de licenciatura).

Indagado sobre como a parceria entre a escola da educação básica e a universidade pode garantir uma formação mais contextualizada na atual sociedade contemporânea, o participante E1, expõe seu olhar sobre a articulação entre as universidades e os municípios, em que possa

ser estabelecida uma relação mútua de atuação, um à disposição do outro, oportunizando o acesso à escola da educação básica para a atuação dos futuros professores. Enquanto o extensionista E2, salienta que a parceria instaurada entre a escola da educação básica e as instituições da educação de nível superior, proporciona um grande benefício aos licenciandos, visando possibilitar experiências à formação dos futuros professores, ocasionando mudanças asseguradamente importantes pelo fato de propor a indução profissional dos graduandos de licenciaturas, além disso, segundo a fala de E3, é ir além de criar a relação entre as escolas e as universidades. É a universidade proporcionar à escola projetos que fomentem, que busquem contribuir com a melhoria do ensino na escola da educação básica. Em razão da universidade, enquanto instituição de ensino, formar os profissionais que futuramente irão estar efetivamente nas escolas.

Uma vez que E1, E2 e E3 concordam entre si, deve ser criado um pacto entre as instituições da educação básica e as instituições de ensino superior. Nóvoa (2022, p. 94) ressalta a importância da criação de um espaço entre dois, onde possa pensar a fase inicial da profissão, sendo este um período de transição extremamente delicado e fundamental para o profissional, sendo responsabilidade dos professores já atuantes da área acolherem os que estão se iniciando na carreira. Através disso, pensamos que seja proveitoso a criação desse espaço entre dois, a fim de sanar a lacuna existente entre a graduação e o início da profissão, porém, acreditamos que esta indução profissional já possa ser iniciada durante a graduação, como foi feito durante o projeto de extensão.

**Quadro 8 - Pergunta 6**

<b>Extensionistas</b>	<b>Respostas</b>
E1	Foi uma experiência inesquecível e um divisor de águas na minha formação. A extensão é uma vivência que todos os universitários do curso de Pedagogia deveriam ter. O período do estágio é pouco para conhecer sobre o espaço que estaremos imersos no futuro, como docentes regentes.
E2	Sim. Falando por mim, esta experiência me amadureceu e me ensinou muito. Primeiramente, como lidar com as pessoas que conviviam naquele ambiente, a respeitar a individualidade e a ver que a escola pública é um espaço de privilégio e que todo aquele momento tem que ser valorizado e respeitado. Então, devemos valorizar a escola pública e dar o nosso melhor para aquelas crianças que ali estão, para que no futuro elas possam ter autonomia suficiente para conduzir a sua própria história.
E3	Sim. Percebi que saímos mais confiantes e mais experientes, entendendo mais como funciona o cotidiano escolar. Por conta das circunstâncias, dos testes em meio às adversidades que diversas vezes apareciam em sala ou enquanto planejávamos as aulas,

	nos forjou enquanto docentes.
--	-------------------------------

Os depoimentos dos extensionistas mostram com clareza que as experiências proporcionadas por aquele novo espaço de formação marcou os licenciandos para o resto de suas vidas profissionais. E1 ressalta a importância de todo universitário de Pedagogia viver experiências, ao tempo em que afirma que o estágio obrigatório presente no curso é um período muito curto para o estagiário compreender o ambiente em que irá atuar enquanto docente. Avistamos neste ponto a seriedade e precisão dos licenciandos que estão imersos desde o início de suas graduações nos ambientes educacionais de atuação.

A fala do extensionista E2, faz com que lembremos do que Freire (1997, p.79) afirma, “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. A perspectiva de Pimenta vai ao encontro do que Freire compreende como o processo de educação das pessoas, o qual é experienciado no confronto e na relação com o outro sujeito. Dessa maneira, reconhecemos o valor em se respeitar os pares, de exercer a empatia, de trabalhar em equipe e como a cooperação mútua é importante para que a sociedade se eduque, onde um contribui com a evolução do outro, estabelecendo o vínculo em respeitar o outro, ouvir e se comunicar de maneira clara, tendo como objetivo comum construir uma educação de qualidade, através da qual a sociedade possa ser transformada.

4117

Nóvoa (2022, p. 76) conta que, historicamente, os professores aprendiam o seu ofício nas escolas, junto de um mestre mais experiente. Todavia, as escolas e as universidades modificaram suas práticas e acabaram perdendo o contato com o que o autor chama de “o terreno principal da formação”. E2 e E3 notam o amadurecimento pessoal e profissional proporcionado pelas experiências vivenciadas e os saberes adquiridos durante o desenvolvimento do projeto de extensão e o quanto a vivência em uma sala de aula na escola pública os encorajava a valorizar e aperfeiçoar suas práticas docentes.

### **Considerações Finais**

A partir das respostas fornecidas pelos extensionistas e as perguntas presentes no questionário foi possível perceber a importância de uma formação inicial de professores da educação básica no “chão da escola”. Dessa forma, conseguimos compreender de forma prática a contribuição do projeto de extensão do PROALFA para a formação de futuros/as professores/as alfabetizadores/as. Através dos depoimentos, percebemos a contribuição do projeto na formação dos extensionistas, quando afirmam em suas palavras, que mediante o

mesmo, tiveram outras visões de si, que se reconheceram como um outro ser, antes e depois do projeto, passando a se identificar como professores/as, com o auxílio do direcionamento atinente aos processos de formação inicial deles.

Ponderando as questões analisadas na entrevista foi possível perceber a incompletude e a fragilidade existente na formação inicial dos futuros professores alfabetizadores, sendo necessário outros sujeitos pensarem que, por intermédio das respostas encontradas, se observa a falta do contato do futuro professor com o ambiente real da escola, no qual atuará na vida profissional. Ficando evidente nas falas dos extensionistas a importância de aliar as iniciativas da universidade e da escola da educação básica, para que esse vínculo colabore no futuro com a formação de novos professores no nível inicial e com a formação continuada daqueles que já estão lecionando, de modo que possam construir novas práticas e manterem suas práticas atualizadas.

Dessa forma, podemos ressaltar a necessidade existente das iniciativas de indução profissional nos cursos de licenciaturas, uma vez que os mesmos alocam suas atividades no local de prática educacional na segunda parte do curso, já quase em seu final, o que não permite ao licenciando a avaliação de que há uma identificação ou não com o magistério. É neste sentido que se dá a contribuição dos programas de indução, em oportunizar o encaminhamento e a formação da identidade docente dos estudantes, no “chão da escola”, por dentro da escola pública, enquanto os licenciandos têm a oportunidade de compartilhar a docência com um professor que já possui experiência e saberes docentes constituídos na prática.

## Referências

COLELLO, S.M.G. Alfabetização em tempos de pandemia. **Convenit Internacional**, n. 35. São Paulo: CEMOrOc- FEUSP, jan-abr, 2021. Disponível em: <[https://12f7a472-3151-ab81-d2e6-789a72c3925c.filesusr.com/ugd/2fea7f\\_259163cf13e84da09193e6beb76a673e.pdf](https://12f7a472-3151-ab81-d2e6-789a72c3925c.filesusr.com/ugd/2fea7f_259163cf13e84da09193e6beb76a673e.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa. **Alfabetização: método sociolinguístico**: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 150 p.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e escrever. 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2022. 352 p.

NÓVOA, António. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. In: NÓVOA, António. **Escolas e Professores Proteger, Transformar, Valorizar**. Salvador: Sec/Iat, 2022. Cap. 6. p. 91-104. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2022/02/antonio-novoa-livro-em-versao-digital-fevereiro-2022.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2023.

POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS:  
DOS CONTEXTOS DE BASE À DIFUSÃO INTERNACIONAL

FERRARO, Alceu Ravello. Alfabetização no Brasil: problema mal compreendido, problema mal resolvido. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?**. São Paulo: Unesp, 2014. Cap. 2. p. 65-90. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/alfabetizacao\\_ebook.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/alfabetizacao_ebook.pdf). Acesso em: 03 dez. 2023.

Autor 1:



Maria Luísa da Silva Braz

Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Pós Graduanda em Alfabetização, letramento e psicopedagogia institucional.

E-mail: [pedagogamarialuisa@gmail.com](mailto:pedagogamarialuisa@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0162768239763811>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4356-7211>

Autor 2:



Nandyara Souza Santos Sampaio

Mestre em Educação pela UEFS (2015). Professora do Sistema Municipal de Ensino e da UESB *campus* de Jequié. Docente Orientadora do Programa de Residência Pedagógica, núcleo de Pedagogia. Coordenadora do NEPE PROALFA (UESB) *campus* de Jequié.

E-mail: [nandyara.souza@uesb.edu.br](mailto:nandyara.souza@uesb.edu.br)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0195589452166382>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0084-7055>